



Disputas semio-simbólicas sobre o racismo no jornalismo da
Globo: estratificações e topografias de circuitos no caso João
Alberto¹

Semio-symbolic disputes about racism in Globo's journalism:
stratifications and circuit topographies in the João Alberto
case

Ângelo Jorge Neckel

Palavras-chave: Circulação. Imaginário, real e simbólico. Mídia; Racismo;
Semiose midiática.

1. Tema

O presente texto tem como tema as disputas semio-simbólicas entre a cobertura do telejornal diário Jornal Nacional e do telejornal dominical Fantástico (Rede Globo) e circuitos afro-referenciados no Twitter a respeito dos sentidos sociais do racismo. Especificamente, a partir do caso João Alberto Freitas, homem negro assassinado por seguranças do supermercado Carrefour.

2. O caso midiático

¹ Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Na noite de 19 de novembro de 2020, véspera do feriado da Consciência Negra, João Alberto Freitas, um homem negro, de 40 anos de idade, foi espancado, imobilizado e morto por dois agentes de segurança de uma loja da rede de supermercados Carrefour, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Este caso social possui singularidades no âmbito do racismo reproduzido e ampliado no espaço público interposto pelos meios de programação (especialmente TV) e meios digitais.

João Alberto estava acompanhado da esposa quando foi conduzido por agentes de segurança até o estacionamento do supermercado Carrefour. Chegando ao estacionamento, desferiu um soco em um dos seguranças. Em seguida, foi espancado, imobilizado e assassinado pelos dois agentes. Como percebem os circuitos afros, a cronologia do acontecimento anterior à agressão física e morte corresponde a microagressões (Pierce, 1969. 1970), a exemplo da suposição de criminalidade da vítima e consequente coação, práticas recorrentes contra pessoas negras em supermercados e outros locais de consumo econômico.

As lógicas subjacentes às violências simbólica e física sofridas por Beto teriam respeitado ao jogo de invisibilidades recorrente na prática do racismo transformada em notícia nos meios do jornalismo, restrita à reconstituição do acontecimento por testemunhas oculares, não fossem: primeiro, o uso social dos dispositivos midiáticos, por cinegrafista amador, e, depois, nos meios de interação (*WhatsApp, Twitter, Instagram* etc.) acionados que ‘vazaram’ no espaço público as imagens do assassinato. Os fluxos percorridos pela imagem em contraposição ao percurso recorrente, os imaginários e interpretações derivadas nos circuitos digitais se interpuseram sobre a temporalidade e as enunciações dos atores sociais nos meios de programação do jornalismo, dentre âncoras, repórteres, testemunhas e circuitos digitais visibilizados.



3. Hipóteses

A partir de proposição de Ferreira (2021)², as hipóteses do texto são organizadas de acordo com três níveis: *macro*, *meso* e *micro*. A macro hipótese trabalha com o plano da miatização e das configurações simbólicas da sociedade. A meso-hipótese, com os processos midiáticos. A micro hipótese trabalha com as materialidades empíricas nas interações, permeadas, neste texto, pela semiose. A seguir, são expostas as hipóteses em construção a partir de referências sobre miatização, racismo e interações nos meios.

3.1 Macro-hipótese

Os signos do racismo estão presentes em imagens, palavras, gestos e nos próprios meios midiáticos que os organizam. Nessa perspectiva, leva-se em conta a dimensão do humano, do ator social, nos processos sociais e comunicacionais-midiáticos, posto que sistemas e instituições são formados por atores e coletivos. Portanto, a interface entre a miatização e o racismo na cultura se dá em uma perspectiva semioantropológica (Verón, 2014; Ferreira, 2014), pela materialização, consciente ou inconsciente, das experiências mentais dos atores sociais em signos, interessando sobretudo aqueles manifestados no espaço público.

O racismo é entendido como violência simbólica e física. De dimensão estrutural e estruturante das relações sociais, é reproduzido por um conjunto de lógicas articuladas que têm como referência sistemas de classificação social (Bourdieu, 1989, 2007) impostos a pessoas negras (Ferreira, 2021). Por lógica do racismo, entende-se a exclusão dos corpos e dos modos de ser de coletivos e atores sociais por seus fenótipos

² Notas de aula.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

e quando não se comportam a uma referencialidade hegemônica, sendo considerados 'outros'. Quando manifestado como violência simbólica nas interações, corresponde ao epistemicídio; manifestando-se como violência física e morte, corresponde ao genocídio (Clastres, 1982; 2003).

No âmbito das mediações dos atores sociais que atualizam o racismo nas interações, parece produtiva a interface com as categoriais psico-semiológicas do imaginário (ícone), do real (índice) e do simbólico – IRS – em Lacan (2007). Os signos racializados se materializam e se proliferam através dos imaginários sobre a cultura e sobre as pessoas negras – nas suposições de inferioridade, subalternidade e desumanização -, do real das demografias assimétricas e das violências no social, mas também do real como ‘não dito’ ou ‘não percebido’ nas interações, e do simbólico como ausência ou presença da força de lei, em referências e códigos que coíbem ou autorizam a violência. Esta, quando autorizada, retroalimenta-se com a perversão dos atores sociais diante do desejo de dominação do ‘outro’.

3.2 Meso-hipóteses

Os formatos do signo reportagem nos meios do jornalismo, em seus compromissos deontológicos de representação do real, estruturam as funções dos atores sociais institucionalizados (âncoras, repórteres, editores), as próprias representações e as autorizações de vozes presentes nas narrativas (as fontes declaratórias, testemunhais, oficiais e especialistas). Essas funções podem ser traduzidas como *figuras*, signos estáveis e repetitivos que são identificados nas narrativas em torno de um determinado tema, e, neste caso, nas mediações sobre o racismo.

A semiose da notícia e da reportagem também apresentam a ausência do simbólico como força de lei, e inibe a percepção e afirmação de existência do racismo em acontecimentos como o assassinato de João Alberto. Partindo do princípio de que os signos são triádicos, a não-afirmação, suspeita ou negação da existência do racismo nos



meios de programação do jornalismo consiste em um signo degenerado, pois incompleto ao apenas expor ícones/imagens e indícios. É o que ocorre na exibição incessante de imagens de violência contra pessoas negras e dos indícios de invisibilização do racismo como um real não discursivizado, diante da incapacidade de os atores do jornalismo interpretarem os acontecimentos como sendo permeados por lógicas racializadas.

3.3 Micro-hipóteses

As micro-hipóteses são elaboradas a partir da observação preliminar das interações intra-meio – na TV Globo e nos circuitos afro-referenciados, e inter-meios, nas relações entre as duas semioses (Globo e circuitos). Preliminarmente, constata-se que:

Nas enunciações, interações e até mesmo nas vestes de atores sociais do jornalismo da Globo operam em reconhecimento aos usos sociais de celulares em vazamento das imagens de violência contra Beto, ao luto discursivizado nos circuitos afro-referenciados e na tematização da violência física e simbólica contra pessoas negras em geral. Mesmo sem afirmar a existência do racismo no caso tomado como objeto, a ênfase identificação da cor da vítima e em analogia com acontecimentos progressos, como o de George Floyd, são indícios de mudanças de uma processualidade histórica nos meios hegemônicos do jornalismo, de minimização e negação da existência do racismo no Brasil.

Diante das tentativas de reconstituição do acontecimento (morte de João Alberto), por outro lado, em convergência com o curso das investigações pelo campo jurídico-policial e de suas discursividades, os telejornais JN e Fantástico repetem à exaustão imagens de violência contra Beto, recurso para contrapor falsos testemunhos de funcionários do Carrefour. Na impossibilidade de afirmarem a existência do racismo, posto que este só é constatado pelo jornalismo quando discursivizado, reproduzem



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

lógicas de programas de TV policiais pactuados com os resultados das investigações policiais e imaginários racistas.

As figuras (ou topos), em topografias, e os diferentes espaços (do mundo, do estúdio, das interações com a audiência, das redes digitais etc.), em estratificação, demonstram que apenas parte dos atores sociais nos meios do jornalismo da Globo exercem microagressões, ao mencionarem a ficha criminal (suposição de criminalidade), na repetição da narração das agressões físicas, em indiferença para com a exibição do corpo da vítima - e no relato da ausência de substâncias químicas no organismo após exame toxicológico – análogo à criminalização de dependência química e suposição de agressividade. Mesmo enquanto ‘não ditos’, são interpretantes que potencialidade para acionar imaginários racializados (do ébrio, do agressivo, do suspeito de crime e do escravizado) na semiose em circulação.

Os circuitos afro-referenciados no Twitter em recepção aos programas jornalísticos, de mediação do real, percebem e denunciam suposições de criminalidade e a repetição de imagens de violência física. Não raro, em polarização com coletivos negacionistas do fenômeno racismo. No entanto, não percebem a reprodução dos formatos no formato e narrativas, o que evidencia a necessidade de uma nova inteligibilidade para compreensão das relações entre o racismo e os meios de programação e interação.

4. Método e metodologia

O método que estrutura este trabalho é o abdução, ou a relação entre os signos argumentativos de abdução, dedução e indução. O movimento dedutivo tem como referência a aplicação das interfaces teóricas para reflexão sobre o objeto de investigação. A indução trata da construção de inferências a partir de indícios recorrentes dados a ver nas materialidades empíricas. O abdução, hipotético,



retroalimenta-se de questões e hipóteses a validade verificada após o escrutínio dos empíricos.

4.1 Metodologia

A metodologia se vale da tentativa de articulação de duas referências metodológicas: as topografias e estratificações *Espetáculo Científico Televisivo* por Verón e Fourquier (1986) e a *Etnografia da Exposição de arte*, por Verón e Leveissaur (1989; Ferreira, 2020), apropriadas em tese (Cortes, 2022) e dissertação (Batista, 2022) da linhagem de processos sociais e mediação.

Os materiais observados são oito edições do Jornal Nacional [20 e 21 nov.; 23 a 27 nov.; e 4 dez. 2020], uma edição do Fantástico [22 nov. 2021], além de interações a partir de publicação do perfil institucional do Fantástico no Twitter e postagens de ativistas locais e a respeito de reportagens sobre o caso João Alberto.

A seguir, as tentativas de desenho metodológico para investigação do processo de circulação entre meio de programação e circuitos, divididas para fins didáticos em ‘Instância de produção’ e ‘Instância de reconhecimento’:

4.2.1 Instância de produção

Primeiro, identifica-se sinteticamente as figuras em imagens e enunciações³ presentes nas narrativas do Jornal Nacional e da edição do Fantástico subsequente à data do assassinato.

³ Serão trazidas no artigo final a ser submetido para o evento.



4.2.1.1 Topografia (figuras):

As figuras estão dispostas em:

a) Dramaticidade

No luto diante do assassinato, por atores sociais do canal e nos circuitos visibilizados na cobertura; *Em analogias com casos pregressos de morte de pessoas negras*, presentes em enunciações dos âncoras e em imagens que ilustram reportagens; *Ênfase e repetição*: na narrativa de que um homem negro foi brutalmente assassinado por dois homens brancos; mas também, pela repetição de imagens do assassinato e narração de indícios da cena a respeito de golpes, do sangue da vítima, da tentativa de reanimação e da morte.

b) Pessoas

Na figura da vítima enquanto homem negro estigmatizado, presente na cobertura local da RBSTV, filial da TV Globo no Rio Grande do Sul; *Repórter*, que, enquanto observador, seleciona indícios nas imagens e contrapõe com as declarações de fontes; *Funcionários*, em interações entre agressores e aqueles que não prestaram socorro a Beto. Além de:

- Empresa Carrefour
- Manifestantes
- Testemunhas
- Familiares
- Agentes do campo jurídico-policial.

4.2.1.2 Estratificação:



A estratificação consiste na observação e sistematização de diferentes espaços e estratos presentes na cobertura do jornalismo no meio TV sobre o caso Beto e na relação com a instância de reconhecimento. Os espaços são:

Espaço mundo: a partir de conteúdos que se destacam pelo espaço geográfico. É onde a realidade é encontrada

Espaço em curso: conduz a realidade do espaço mundo para uma formalização em tela, conforme o canal gostaria de emitir enquanto mediador do real.

Espaço da dobradiça: é estabelecido quando os intérpretes transformam o ‘espaço em curso’ para realizar uma dobradiça (metáfora pela direção ambivalente – emissão/recepção, produção/reconhecimento), em falas direcionadas para os receptores.

Espaço de visibilidade aos circuitos afro-referenciados: fase em que a transmissão estabelece uma relação com circuitos afro-referenciados nas redes e nas ruas.

Espaço de captura e disputa: fase em que a transmissão captura ou reproduz lógicas do racismo.

Os estratos correspondem a:

Conteúdo intuitivo: caracterizado pela emissão que ocorre em um dado espaço.

Tipo de espaço construído: de onde o espaço se constitui.

Tipo de tempo construído : situação dos espaços no tempo em relação ao tempo da transmissão.

Apresentado em relação à própria transmissão como : condições de emissão própria e a maneira pela qual se cria.

Nível de funcionamento: em matéria linguística.

Entidades participativas: atores que participam de um dado espaço.

4.2.2 Instância de reconhecimento



As metodologias de investigação da instância de recepção produtiva dos atores sociais dos circuitos afro-referenciados, em recepção produtiva no Twitter, são a etnografia e a entrevista.

4.2.2.1 Etnografia dos circuitos

Nas explorações dos circuitos afro-referenciados no Twitter, as interações se dão em: circuitos locais do RS, por ativistas; em recepção a publicação no perfil institucional do Fantástico; e em críticas contra a suposição de criminalidade de Beto, manifestada em meios do jornalismo e em diferentes circuitos interacionais, selecionadas por critério de métricas de curtidas, respostas e compartilhamentos.

4.2.2.2 Entrevistas

Dentre os atores sociais em interação no Twitter, serão selecionados entrevistados, a fim de investigar as percepções sobre o caso João Alberto e o racismo, e sobre os formatos e sua semiose, entre narrativas, espaços e estratos em reprodução a lógicas do racismo. A cada entrevistado, será mostrada a respectiva publicação no meio de interação para reconstituição de seus percursos. Após, serão a eles disponibilizado acesso às edições dos telejornais na qual mencionam João Alberto, para descoberta das referências simbólicas de atores sociais nos circuitos afro-referenciados, em possíveis posições de contato e defasagem com o meio de programação.

Referências

BATISTA, M. G. **Midiatização, algoritmos e plataformas: agenciamento e circulação de emoções no Spotify**. 2022. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2022.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.

BRAGA, J.L. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, J.L. et al. In: **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 43-64. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/59g2d/pdf/braga-9788578795726-03.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Revista Contracampo**, ed. 10/11, p.219-236, 2004.

CLASTRES, Pierre. 1982 [1980]. **A arqueologia da violência.** São Paulo: Brasiliense.

CLASTRES, Pierre. 2003 [1974]. **A sociedade contra o Estado.** São Paulo: Cosac & Naify.

CORTES, D. F. **Narrativas, algoritmos e o controle tentativo no processo de gamificação: dos agenciamentos dos processos à materialização da experiência mental.** 2002. 200f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2022.

ECO, Umberto. Os três tipos de abduções. In: **O signo de três.** Tradução de Silvana Garcia. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FERREIRA, Jairo. Genealogia dos meios e materialização das experiências mentais: perspectivas para pensar a midiatização. In: FERREIRA, Jairo; ROSA, Ana Paula da; FAUSTO NETO, Antônio; BRAGA, José Luiz; GOMES, Pedro Gilberto (Orgs.). **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?.** Santa Maria, RS: Facos-UFSM, 2018. Disponível em: midiaticom.org/files/entreoqueosedizeoquepensa.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

FERREIRA, Jairo. O objeto, o método e a metodologia na pesquisa da circulação e midiatização (inferências a partir da obra *Ethnographie de l'exposition*). **Revista Famecos**, 2020.

FERREIRA, Jairo. **Tabus do clã da negritude: a violência da população negra.** [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (22min50s). Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=tabus+negritude+jairo+ferreira. Acesso em: 8 nov. 2021.



Anais de Resumos Expandidos
V Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23: o sinthoma**, 1975-1976 / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [tradução Sergio Laia; revisão André Telles]. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PIERCE, C. M. (1969). **Is bigotry the basis of the medical problems of the ghetto?**

PIERCE, C. (1970). Offensive mechanisms. In: BARBOUR, Floyd. (org.). **The black seventies**. Porter Sargent Pub, p. 265-282.

VERÓN, Eliseo. Teoria da mediação: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928>. Acesso em: 01 dez. 2019.

VERÓN, Eliseo. FOURQUIER, Eric. **Les spectacles scientifiques télévisés: figure de la production et de la réception**/ Ministère de la culture, Service des études et recherches; par Eric Fouquier et Eliseo Veron.-Paris: La Documentarion française, 1986,-189 p. : ill.; 30 cm.

VERÓN, Eliseo; LEVASSEUR, Martine. **Ethnographie de l'exposition: l'espace, le corps et le sens**. Paris: Centre Georges Pompidou, 1989.